

DE MARROCOS A PERNAMBUCO

Era uma noite fria em Marrakech naquele 18 de dezembro. Uma multidão alvinegra tomava o principal estádio da cidade, quando a bola bateu no travessão e sobrou livre para Vivien Mabide empurrar para as redes e decretar a vitória do Raja Casablanca. Um 18 de dezembro decisivo para o futuro do Clube Atlético Mineiro.

Chateados com a eliminação na Copa do Mundo de Clubes da FIFA, empresários mineiros fizeram as malas e embarcaram para Portugal. Reunidos na Europa, planejavam a construção de uma arena moderna para ser a casa do Galo. Apesar de ser um capítulo especial para as próximas décadas do clube, esse não foi o único evento do dia 18 de dezembro que mudaria o futuro da instituição. Enquanto marroquinos disputavam todas as peças de roupa de Ronaldinho, pernambucanos fundavam um clube de futebol no Sertão do Pajeú.

Anos depois, o Atlético encontraria o clube fundado naquele 18 de dezembro. Era uma oportunidade para amenizar o início ruim de 2020. Além de empatar com o Coimbra, Tombense e Campinense, o Galo de Dudamel havia perdido, no Mineirão, para a Caldense e sido eliminado na primeira fase da Copa Sul-Americana para o pequeno Unión, da Argentina. Apesar de grandes investimentos na contratação de Guilherme Arana, Allan e Savarino, a eliminação na Copa do Brasil traria um sentimento de fim de temporada, ainda em fevereiro, além do pesadelo de perder premiações milionárias.

Da lista de relacionados para o jogo em Pernambuco, apenas Victor esteve em Marrocos. Os ídolos Luan e Leo Silva se despediram do clube semanas antes do duelo pela Copa do Brasil. Diego Tardelli já havia sido anunciado como reforço para a temporada, mas não viajou. Do banco de reservas, Victor viu Everton se preparar para a última cobrança de pênalti da noite.

Após um empate por 2 a 2 com a bola rolando, o Atlético chegou a abrir dois gols de vantagem nas penalidades, mas desperdiçou três cobranças. Everton correu, bateu e o Afogados da Ingazeira estava classificado. Naquele momento, o Clube Atlético Mineiro era campeão brasileiro após cinquenta anos de espera, mas ainda não sabia. Entre as duas noites de insônia para o atleticano, a da eliminação e a do título, dias de mudanças drásticas marcaram a rotina da Cidade do Galo.

As primeiras aconteceram horas após a comemoração do Afogados, com a demissão do técnico Dudamel, Rui Costa, diretor de futebol, e Marques, gerente de futebol. O torcedor não cogitava deixar o período de taças, do início da década, e voltar a viver em busca da meta anual de quarenta e cinco pontos na tabela do Brasileiro. Dois anos após assumir o Atlético, Sérgio Sette Câmara teria que anunciar o sétimo treinador e o quarto diretor de futebol do mandato. Candidato ao rebaixamento no Brasileiro, o presidente teria que pedir ajuda para evitar a próxima tragédia. Como já viajamos pela eliminação na Copa do Mundo de Clubes 2013 e Copa do Brasil 2020, deixemos de lado os resultados de 2018 a 2019.

A solução estava em casa. Pessoas que transitavam nos bastidores do clube há anos assumiram de vez as rédeas da instituição e o grupo conhecido como “os quatro R’s” ficaram incumbidos de encontrar o salvador.

Que ironia! Taças de vinho na casa da família Salvador resolveriam o problema. Jorge Sampaoli ganhou as manchetes dos principais veículos de comunicação do país ao ser anunciado como o novo técnico do Atlético. A contratação aconteceu em março de 2020, mês que ficaria marcado

na história do futebol. A bola deixou de rolar em todo o planeta, enquanto o mundo lutava contra a Covid-19, um desconhecido adversário.

A CHAVE VIROU

Foi uma semana intensa em Lourdes. Após a chegada do treinador, Rafael foi anunciado como novo reforço para a meta alvinegra. O goleiro atravessou a lagoa cinco dias antes do primeiro clássico, desde o rebaixamento do rival. A febre de fantasminhas com a letra “B” invadiu Minas Gerais. Graças a Deus, faço parte da Massa Alvinegra, pois o atleticano sabe ser MUITO chato quando quer.

A fábrica de provocações trabalhava vinte e quatro horas por dia, o que fez a Polícia Militar proibir entradas de faixas e cartazes em alusão à segunda divisão da equipe rival. O clube rebaixado aprovou a decisão da PM, mas o Atlético comprou a briga e o torcedor teve o direito de se expressar na arquibancada.

Em todos os tiros de meta, um unísono “fala, Zezé” ecoava pelo Mineirão. Acho que até o Fábio virava de costas para esconder um sorrisinho. Da arquibancada, o péssimo futebol apresentado pelo time impedia que Jorge Sampaoli apreciasse a festa da torcida e se preocupasse apenas com a dura missão que teria pela frente. O clássico caminhava para um amargo empate, mas uma bomba indefensável de Otero garantiu os três pontos e a continuidade do mar de “B” pela esplanada do Mineirão.

A vitória sobre o rival deu início a um período em que o Galo se tornaria praticamente imbatível no gigante da Pampulha. Após o clássico, a primeira derrota no Mineirão aconteceria apenas em novembro, contra o Athletico Paranaense, quando um surto de Covid-19 fez Jorge Sampaoli colecionar desfalques e quebrar a cabeça para escalar o time. A derrota seguinte aconteceu na estreia do Brasileiro 2021, contra o Fortaleza. O aproveitamento alvinegro no Mineirão passou a ser a maior arma do clube nas competições.

Na semana seguinte ao clássico, o cargo de diretor de futebol foi ocupado por Alexandre Mattos, homem de confiança de Sérgio Sette Câmara. O clube lançou o novo Galo Na Veia intitulado como “série A”, uma leve alfinetada no rival. Antes que os sócios pudessem usufruir do novo GNV, a Federação Mineira de Futebol informou que a rodada do estadual aconteceria com portões fechados após cidades brasileiras relatarem os primeiros casos de Covid-19 no país.

Mesmo impossibilitado de participar dos jogos nas arquibancadas, o atleticano foi na contramão dos torcedores de outros times e deu início a um crescimento impactante do Galo Na Veia. Praticamente abandonado pelo Atlético, o GNV voltou a colocar altas cifras nos cofres de Lourdes e encerrou a temporada 2021 com a marca de cento e vinte mil sócios. Associado ao Galo Na Veia, o concurso “Manto da Massa” foi uma febre na torcida com a venda de cento e dez mil camisas desenhadas pelo atleticano Flávio Markiewicz. Muitos torcedores receberam o manto apenas em 2021, mostrando que até a entrega da camisa é sofrida por essas bandas.

A vitória sobre o Villa Nova, pela 9ª rodada do Mineiro, marcaria a estreia de Jorge Sampaoli e Rafael, além das despedidas de Ricardo Oliveira e Di Santo. Com o aumento de casos da Covid-19, a Federação Mineira paralisou a competição e, aos poucos, a bola parou de rolar em todo o país.

F*d3u! O que faríamos sem o Galo nosso de cada dia? Não teríamos mais nossa cervejinha na rua do Peixe, nada de tropeiro, comprar bugigangas penduradas na porta do Mineirão e estresse para conseguir ingresso. No fundo, a gente imaginou que seriam umas duas semaninhas sem o futebol, não aceitávamos a ideia de ficar meses sem nosso estádio nos finais de semana.

Jornalistas não puderam mais acompanhar a rotina no centro de treinamento, as categorias de base e futebol feminino interromperam as atividades e, por fim, o clube paralisou todo o departamento de futebol profissional. O Atlético anunciou férias coletivas e parte do elenco sequer voltou a treinar com Jorge Sampaoli. Patric rescindiu, Iago Maidana e Bruninho foram emprestados para o Sport, Ricardo Oliveira, Di Santo, Zé Welison, Edinho, Ramón Martínez e Lucas Hernández ficam fora da lista do elenco que retomaria a rotina de treinos na Cidade do Galo.

A mudança no clube não envolveu apenas os atletas. Dezenas de funcionários, alguns com décadas de serviços prestados, foram demitidos na sede administrativa, clubes sociais e centro de treinamento.

A intenção era enxugar a folha salarial para investir no departamento de futebol. A extensa lista de nomes indicados por Sampaoli exigia que Alexandre Mattos e os 4 R's perdessem noites de sono à procura de reforços. Antes que o Atlético anunciasse de forma oficial, o Independiente del Valle publicou que Alan Franco jogaria pelo Galo. O volante Léo Sena, do Goiás, também passaria a fazer parte do grupo alvinegro, mas atuou por poucos minutos, em três partidas, antes de ser emprestado para o Spezia, da Itália. O zagueiro Bueno também foi pouco aproveitado e vestiu a camisa alvinegra apenas em dez oportunidades.

Com a paralisação dos campeonatos, o atleticano ficou sem um norte no dia a dia. A solução foi assistir a jogos do passado com a esperança de que o encerramento da temporada 2020 não tivesse o mesmo fim da maioria daquelas partidas exibidas. A onda de *lives* que tomou o mundo chegou até a TV Galo e a torcida pôde ver ídolos e torcedores ilustres em um bate-papo leve. A quarentena impediu a realização da tradicional festa de aniversário pelas ruas da capital mineira. A solução foi gritar da janela, pendurar bandeiras e colocar o hino em caixas de som.

O GALO CONTRATOU

A confiança foi crescendo cada vez mais com o anúncio das contratações. O atleticano ainda não sabia, mas alguns daqueles caras desembarcavam em Belo Horizonte para gravar o nome nas páginas dos grandes ídolos da história do clube. Junior Alonso, Keno, Sasha, Mariano, Everson, os homens de confiança de Sampaoli, que ganhariam confiança com Cuca. Aquele Cuca de Marrocos, quando Vivien Mabide empurrou para as redes e fez um monte de atleticano rico ir pra Europa pensar sobre a construção de um estádio.

Aliás, enquanto os futuros ídolos estreavam com a camisa alvinegra, a Arena MRV conseguia alvará para início das edificações do estádio. Um grande sonho começava a ganhar forma na Cidade do Galo, outro no bairro Califórnia. Mesmo tendo apenas vários caminhões revirando terra, a Arena MRV se tornou o principal ponto turístico de Belo Horizonte.

Para o atleticano, aquele monte de terra amontada era o cenário mais lindo do mundo e não era necessário encontrar justificativa para churrascos nas ruas próximas, pessoas lotando carrocerias de caminhão em busca de uma visão melhor, trânsito intenso de drones no céu e

um mar de torcedores nas ruas, como se garantissem a segurança do local. Valia tudo para ver um pedaço da terra mais linda do mundo.

Antes de seguir focado apenas no Brasileiro, Jorge Sampaoli conquistou o Campeonato Mineiro ao bater o Tombense na final. Seria o primeiro de muitos troféus a serem erguidos por alguns dos jogadores em campo.

Na imprensa, manchetes listavam as saídas de atletas. Havia também especulações de contratações, entre elas, um tal argentino chamado Matías Zaracho. A torcida do Racing jurava que era bom de bola. Vinham até com uns exageros de que ele poderia ajudar o “Mineiro”, forma como o Galo é chamado na Argentina, a ser campeão nacional. Quanta confiança! Será que era tudo isso mesmo? O atacante chileno Eduardo Vargas encerrou a lista de reforços para a temporada.

Outra especulação foi a de Thiago Neves, mas sigamos por nossos parágrafos dando maior destaque às boas memórias, apesar de tal fato merecer uma página em branco por protesto. Parece até que o universo quis nos punir por nos sentarmos na mesa de negociação com o jogador citado anteriormente.

A campanha no primeiro turno beirava a perfeição, mas o velho roteiro que assombrava o atleticano deu indícios de que voltaria a acontecer. Tudo bem que alguns tropeços foram por uma queda inexplicável do futebol apresentado pelo time do argentino louco, mas uma nova figurinha estava prestes a ser colada no álbum de tragédias que separavam o Galo da taça do Brasileiro.

A ausência de Reinaldo contra o São Paulo, o Aragão, o azar, o goleiro do Coxa, as mudanças de regulamento, a Portuguesa, o Dida, a chuva de São Caetano, a CBFLU. Faltava um vírus mortal que assombrasse o mundo e interferisse diretamente nas escalções das equipes durante as competições.

Faltava! Atletas e profissionais da comissão técnica testaram positivo para Covid-19 e desfalcaram o time em diversas rodadas. Partidas adiadas, calendário sem pausa e fim de temporada adiado para os primeiros meses de 2021. Quando as folhas do calendário anunciaram o novo ano, o clima na Cidade do Galo já não era dos melhores. O argentino era realmente muito louco.

Da liderança para a quarta colocação do Brasileiro, o Atlético passou a tropeçar em rodadas relativamente fáceis. Não houve mais gás para correr atrás do prejuízo e a última partida do campeonato serviu para uma despedida melancólica de Jorge Sampaoli. O rubro-negro carioca ficou com a taça, o Internacional foi o segundo colocado e o Galo garantiu uma vaga na fase de grupos da Libertadores com a terceira colocação.

Três pontos impediram o grito de campeão após quarenta e nove anos. Mais um roteiro inacreditável entre outros quarenta e nove. Existia um culpado por mais esse ano de espera ou era tudo fruto de um carma sobrenatural de quem nunca voltaria a erguer a taça do Brasileiro? Aquelas interrogações de outras décadas voltaram a assombrar o atleticano.

O HULK CHEGOU

Quando Sampaoli deixou o clube, Sérgio Coelho já era o presidente do Atlético. Sérgio foi eleito em dezembro de 2020, tendo José Murilo Procópio como vice. Completando o time, o

mandatário confirmou a continuidade dos 4 R's (ou os 4 R's confirmaram o Sérgio), termo que se tornou costumeiro na torcida. Era nossa equipe de super-heróis em Lourdes. Está em apuros? Tem uma missão impossível? Chama os 4 R's. Falaremos mais sobre feitos de super-heróis nos próximos parágrafos. Aguarde.

O órgão colegiado começou a nova gestão com grandes mudanças. Alexandre Mattos foi demitido e Rodrigo Caetano foi anunciado como novo diretor de futebol. Parcelas de dívidas do passado continuavam a serem pagas na Fifa para evitar possíveis punições que prejudicariam o clube na temporada.

Enquanto não alcançava o troféu do Brasileiro no profissional, o clube conseguiu o feito na categoria sub-20. Após vencer o Athletico Paranaense nos pênaltis, o Galo sagrou-se campeão. A taça foi exposta no Memorial da Sede de Lourdes e a aparência deu água na boca. A danada lembrava o troféu da principal competição do país. Quando teríamos uma dessas por lá?

O futebol feminino também levantou caneco. As meninas comandadas por Hoffmann Túlio venceram o Cruzeiro, nos pênaltis, e conquistaram o campeonato estadual de 2020.

Perdoe uma pequena adaptação na ordem cronológica dos fatos narrados. Sérgio Coelho tomou posse como presidente quando Sampaoli ainda ocupava o cargo de treinador. O argentino comandava a equipe, Sérgio era o presidente e o Galo, em janeiro de 2021, disputava os últimos jogos do Brasileiro 2020 quando uma mão verde esmagou o noticiário esportivo pelo mundo.

Que loucura! Era desnecessário publicar qualquer texto ou foto com o rosto do jogador contratado. A força daquele braço verde segurando um cartão Galo Na Veia nos deixou com os olhos tão arregalados quanto o Loki prestes a ser espancado na torre dos Vingadores. Hulk vestiria a camisa alvinegra em 2021. Se o time do Sampaoli era bom, mas faltava O CARA, os dirigentes resolveram o problema. O CARA chegou.

E não seria o único. Nacho Fernández, um dos destaques do futebol sul-americano na década, também foi anunciado como reforço para a temporada. Ao contrário do louco, esse argentino, dono de duas perninhas de sabiá, era a serenidade em pessoa. Como disputamos o Brasileiro 2020 sem um substituto para Guilherme Arana, o Galo buscou Dodô para a lateral esquerda. Até o torcedor mais cético olhava para o escudo imaginando como ficaria com duas estrelinhas no manto alvinegro.

O PROFESSOR VOLTOU

Era impossível esconder o sorriso no rosto diante das várias chegadas impactantes, mas bastou uma despedida para que as lágrimas escorressem pela face do atleticano. Um pé esquerdo responsável por milagres pisaria no gramado do Mineirão, como jogador do Atlético, pela última vez. De portões fechados, os devotos não poderiam estar na arquibancada, algo tão cruel quanto um pênalti cobrado aos quarenta e oito do segundo tempo.

Após a vitória sobre a URT, nós choramos de um lado da telinha e Victor chorou no Gigante da Pampulha. Nosso santo, campeão da Libertadores, Copa do Brasil, Recopa e estaduais continuaria como gerente de futebol para tentar erguer a taça do Brasileiro.

Victor em campo, Tardelli balançando as redes, Réver no elenco, Leo Silva nos bastidores. Que déjà vu! A sensação de "já vi esse filme antes" ficou ainda maior quando as redes sociais do

clube anunciaram o novo técnico. De cabelo cacheadinho e camisa de Nossa Senhora, Cuca estaria na lateral do gramado em 2021. Elenco com cheiro de taça.

A reestrea do comandante teve que ser adiada, pois Nilde, mãe da dupla Cuca e Cuquinha, foi internada após testar positivo para Covid-19. Foram setenta e cinco dias até Nilde deixar o hospital usando um agasalho do Galo.

Nos primeiros jogos do Mineiro, o time foi dirigido por Lucas Gonçalves. Os atletas que mais atuaram no Brasileiro ganharam dias de folga e a o time no estadual era composta por garotos da base, além dos jogadores que atuaram com menos frequência na competição nacional. Período para Nacho e Hulk ganharem ritmo de jogo.

Quando Cuca assumiu o comando, já com as principais peças, o futebol apresentado não agradou. Postagens nas redes sociais mostravam que aquela seria mais uma temporada perdida. Certamente, o clube bateria a marca de cinquenta anos sem o Brasileiro, sairia para algum clube pequeno na Copa do Brasil e deixaria a Copa Libertadores de forma precoce.

Cuca pediu dez dias para arrumar a casa, mas o intenso calendário brasileiro poderia fazer a casa cair antes do prazo solicitado. A derrota no clássico deixou a certeza de que até o estadual estava em xeque. Em dezembro, rescindiríamos com Hulk, Nacho e outros craques do time.

Aliás, por falar no herói verde, a relação entre Cuca e Hulk ficou estremecida quando o atacante reclamou publicamente das decisões do treinador. Hulk pediu mais minutos em campo para elevar o nível do futebol apresentado. Na semana seguinte, já de cabelos curtos, o artilheiro publicou um vídeo em que dizia não haver problema algum com o treinador. Cuca resolveu atender o pedido e o ex-cabeludo passou a ter mais chances (para azar dos adversários).

A derrota no clássico, na estreia de Tchê Tchê, foi a última do Galo no estadual. Na final contra o América, dois empates sem gols garantiram o 47º título Mineiro do clube. Ainda no gramado, o discurso era o mesmo entre os atletas e comissão técnica: não poderia ser a única taça do ano.

O GALO TROPEÇOU

A melhor campanha na fase de grupos da Libertadores, somada ao título do Mineiro e o forte elenco elevaram a expectativa para a estreia do Campeonato Brasileiro. No torneio continental, foram cinco vitórias e um empate, quinze gols marcados e apenas três sofridos nas seis partidas disputadas.

A vitória sobre o América de Cali, na Colômbia, ficou marcada pelas paralisações e por protestos do lado de fora do estádio. Hulk foi o destaque alvinegro ao marcar seis gols em seis jogos. A comemoração do camisa 7 exibindo os músculos já era febre na América do Sul, mesmo entre os magrelos.

No sorteio da Conmebol, que definiu o adversário atleticano na Libertadores, um leve arrepio ao ver o nome do Boca Juniors. O time de Cuca era bom e evoluía rapidamente, mas a camisa da equipe argentina sempre exigiu muito respeito na competição. La Bombonera e o Mineirão ainda estariam de arquibancadas vazias para o grande duelo.

Antes da estreia no Brasileiro e Copa do Brasil, mais um ídolo anunciou que deixaria o clube. Doze anos após vestir a camisa alvinegra pela primeira vez, Diego Tardelli não teve o contrato renovado. Colecionadores de gols e taças, o dono da 9 não ficaria para tentar o tão sonhado

Brasileiro. Entre idas e vindas, o grito de “Taaardeelliii GOL GOL” ficou eternizado e seria injusto despedir sem gritá-lo com um Mineirão lotado. Se a torcida não esteve presente na estreia do Brasileiro, o encontro pôde acontecer na 26ª rodada, quando Tardelli já vestia a camisa do Santos. Após uma virada emocionante do Atlético, Diego foi até a arquibancada para “abraçar” a Massa novamente. Após o Brasileiro, o ídolo voltou ao Mineirão no primeiro jogo da final da Copa do Brasil, mas não é hora para spoiler.

A estreia no Brasileiro aconteceu contra o Fortaleza em um 30 de maio, dia de São Victor, no Mineirão. O gol de Hulk no primeiro tempo não impediu uma derrota de virada na segunda etapa. Balde de água fria, certamente seria mais um ano na fila esperando o título do Brasileiro. O resultado deixou um sorriso amarelo no rosto dos atletas e estragou a homenagem a Tardelli no gramado do Gigante da Pampulha.

Não bastasse a derrota na estreia, o Atlético empatou com a Chapecoense, candidata ao rebaixamento, na 5ª rodada, e perdeu para Ceará e Santos, nas 6ª e 7ª rodadas, respectivamente. No Ceará, Cuca foi expulso após a partida por ofensas ao árbitro Leandro Pedro Vuaden. O treinador não seria o único desfalque importante. Nas primeiras rodadas, o Galo sofreu com um problema que seria recorrente em todo o campeonato. Convocações para as Eliminatórias da Copa do Mundo enfraqueciam o elenco alvinegro em importantes duelos.

Junior Alonso, Savarino, Eduardo Vargas, Alan Franco e Guilherme Arana eram nomes frequentes nas listas das seleções sul-americanas. O lateral brasileiro também esteve presente nas Olimpíadas de Tóquio e voltou com medalha dourada para casa. A solução foi recorrer a peças da base. Felipe Felício, Micael, Luiz Filipe, Echaporã, Alexandre Lopes apareceram na lista de relacionados e alguns ganharam minutos em campo.

O EVERSON PEGOU

Indicado por Jorge Sampaoli, Bueno deixou o clube e Cuca solicitou o retorno de Nathan Silva, emprestado para o Atlético Goianiense. Com Junior Alonso, Igor Rabello, Gabriel e Réver no grupo, Nathan talvez disputasse a quarta vaga de zagueiro do elenco. Negociado com o futebol japonês, Gabriel sairia dias depois da chegada do concorrente de posição.

Campeão nas edições de 2019 e 2020, o Flamengo era o grande concorrente pelo título do Brasileiro. No encontro entre os clubes no primeiro turno, Cuca optou por escalar três zagueiros e Nathan Silva foi um dos escolhidos. Era a reestreia do atleta formado nas categorias de base da Cidade do Galo.

Os comandados de Cuca amassaram a equipe carioca e Savarino balançou as redes de Diego Alves duas vezes. O Flamengo chegou a diminuir e, nos acréscimos, teve a chance de empatar, mas Everson fez uma defesa incrível na finalização de Arrascaeta e garantiu a vitória alvinegra. Nathan Silva foi um dos grandes destaques do Galo no jogo.

Após o tropeço contra o Santos, em junho, o Galo perderia apenas quatro jogos até o encerramento da temporada. Apesar da derrota para o Bahia, pelas oitavas de final, o Atlético garantiu vaga nas quartas da Copa do Brasil. Outro placar adverso seria na última rodada do Brasileiro, quando o campeão já estava definido e o treinador poupava as principais peças para a final da Copa.

Com o roteiro pronto em mãos, a impressão é que não houve momentos de tensão em 2021. Com a bola rolando não foi bem assim. O atleticano passou noites em claro, não desgrudou da calculadora e enfrentava questionamentos internos. Apesar da confiança no atual time, traumas pelo passado ainda assombavam a todos. Viria uma queda de rendimento? Lesões? Pipocar? Arbitragem? Covid? Desfalques? Brigas? Setenta e quantos pontos? O Boca era isso tudo?

O Boca sempre foi um caso interessante na Libertadores. La Bombonera tem o cheiro oficial da Copa, a camisa te prende a atenção nos cento e oitenta minutos do duelo e o clube potencializa a rivalidade com os Hermanos. No jogo de ida, na Argentina, pouca emoção e nenhum ataque de perigo do Galo. O Boca teve um gol anulado, o que esquentou os ânimos e rendeu polêmica nos debates sobre a partida. A Conmebol divulgou o áudio do VAR para justificar a decisão do árbitro. Ao desembarcar em Belo Horizonte, Sérgio Coelho destacou o clima hostil encontrado pelos atleticanos no estádio rival.

No jogo da volta, como forma de reciprocidade, a diretoria do clube argentino recebeu o mesmo tratamento dado aos dirigentes alvinegros no duelo em solo argentino. A partida não foi das melhores e os goleiros pouco trabalharam. Em uma das poucas vezes em que Everson foi acionado, o arqueiro rebateu a bola para dentro da área e o Boca abriu o placar. Em segundos, as milhares de postagens nas redes sociais decretavam que seria o fim da era Everson no Atlético.

Assim como no jogo de Buenos Aires, o árbitro de vídeo interveio e o gol foi anulado. Durante a análise, troca de empurrões entre jogadores e comissão técnica na lateral do campo. Puro suco de Libertadores no Mineirão. O empate sem gols permaneceu no placar até o apito final e a vaga nas quartas seria decidida nos pênaltis. O velho roteiro, tão conhecido por atleticanos, estava de volta.

Nas arquibancadas vazias do estádio, um mosaico cobria vários setores. Além dos escudos do Galo e símbolos da Galoucura, São Victor do Horto era o homenageado atrás de um dos gols. O ex goleiro não estava na lateral do gramado, pois abençoou um argentino de forma mais veemente quando as equipes trocaram empurrões. Debaixo da mesma trave da disputa contra o Olimpia, em 2013, Everson viu Hulk desperdiçar a primeira cobrança e o Boca sair na frente. Seria o último gol do clube argentino naquela noite. Com um terço entrelaçado na luva, o camisa 22 vibrou quando Nacho e Alonso balançaram as redes. Para dar mais emoção, Hyoran escorregou e chutou para fora.

Villa e Rolón pararam nas mãos de Everson, Izquierdoz chutou na lua. O som do 'eu acredito' ecoava pelos alto-falantes graças ao DJ Maoli, responsável por garantir músicas da torcida nas partidas durante a pandemia. Muitos atleticanos não entenderam o que acontecia no gramado. Nenhum jogador de linha caminhou até a marca do pênalti, era Everson quem segurava a bola na última cobrança. Com maestria, o goleiro colocou a bola na gaveta e converteu a última penalidade. O Atlético estava classificado!

Muito criticado pela torcida nos primeiros meses de clube, Everson deu a volta por cima e se tornou um dos xodós da Massa no elenco. O goleiro só ficou de fora da última rodada do campeonato, quando o campeão já estava definido. As grandes atuações foram de extrema importância para que o Galo terminasse o Brasileiro com a melhor defesa.

A qualidade de Everson, com as mãos e com os pés, chamou a atenção de Tite, o que rendeu ao jogador uma convocação para a Seleção Brasileira. Na mesma lista, Hulk também voltou a vestir a camisa amarelinha, encerrando um período de cinco anos ausente das convocações. Após se

apresentar à Seleção, Everson chorou ao lembrar o início da carreira e o sonho de ser goleiro profissional.

Para encerrar as memórias de uma noite contra o Boca Juniors, a zona mista do Mineirão virou palco de guerra. Bebedouro, extintor de incêndio, grades e outros objetos avulsos se tornaram armas na mão dos argentinos, que arremessavam tudo, enquanto trocavam socos com seguranças. O lado alvinegro reagiu com uma garrafinha plástica arremessada por Sérgio Coelho. A polícia precisou intervir e oito membros da delegação do Boca foram conduzidos até uma delegacia da capital mineira.

Outro empate sem gols foi comemorado pela Massa. No Brasileiro Feminino A2, em julho, o Atlético eliminou o América-MG e garantiu acesso para a elite do campeonato. A vitória na primeira partida foi fundamental para a classificação. A equipe do técnico Hoffmann Túlio deixou o título da competição escapar nas penalidades, contra o Bragantino Red Bull-SP. Já no estadual, o grito de “bicampeão” veio na final contra um velho freguês. Assim como em 2020, o Galo bateu o Cruzeiro-MG e ficou com a taça do Mineiro Feminino, já com a treinadora Lindsay Camila.

A freguesia também falou mais alto no Mineiro Sub-17. Na Toca da Raposa, nosso salãozinho de festas, o Galo enfrentou o Cruzeiro-MG na final da categoria e comemorou o título. Temporada de conquistas no profissional, sub-20, sub-17 e futebol feminino.

A LIBERTADORES ESCAPOU

O Midtjylland anunciou a contratação de Marrony, mas o ataque alvinegro não seria enfraquecido. Pelo contrário, o Galo agiu rápido e anunciou um desses nomes que coleciona manchetes em todos os veículos de comunicação do planeta. Nascido em Lagarto-SE e naturalizado espanhol, Diego Costa voltava para o Brasil em busca de taças. Como ficaria a escalação com tantos craques disponíveis? Um problema para ser resolvido depois. O primeiro compromisso era convencer Dylan Borrero a ceder a camisa 19 para Diego.

O novo reforço não poderia enfrentar o River Plate, pela Copa Libertadores. Após vencer o jogo de ida por 1 a 0, em Buenos Aires, o Atlético contaria com Diego Costa na torcida, no Mineirão. Ele não seria o único na arquibancada. A partida marcou a volta do público aos estádios na capital mineira. Oficialmente, as catracas registraram dezessete mil pessoas no Mineirão, apesar da impressão de que havia um público maior. Dezessete mil sortudos que viram Zaracho parar no ar em um voleio mágico. Na noite de golaços, Savarino acionou Hulk, que deu um toque sutil para cobrir Franco Armani e balançar as redes pela segunda vez.

O argentino Zaracho marcou o terceiro e fechou a conta no baile que eliminou os compatriotas de Matías. Foi, sem dúvida, uma das atuações mais inspiradas do Galo nos últimos anos, digna de aplausos de Marcelo Gallardo. Vale destacar a relação harmoniosa dos dois clubes nas duas partidas.

Diego Costa estreou contra o Red Bull Bragantino, em Bragança Paulista, pela 18ª rodada do Brasileiro. Como um tanque, entrou no segundo tempo e, aos quarenta minutos do segundo tempo, impediu a quarta derrota do Galo na competição ao marcar pela primeira vez com a camisa alvinegra.

É preciso destacar a força do Atlético como visitante em todas as competições que disputou na temporada. A síndrome de Confinos, que sumia com o futebol sempre que o time pisava no aeroporto, assolou o clube em anos anteriores e contribuiu para a marca de quarenta e nove anos sem conquistar o Brasileiro. Em 2021, o Galo passou a ser forte no próprio terreiro e nas vezes em que deixou Belo Horizonte. Como visitante, foram duas derrotas no estadual, uma na Copa do Brasil e nenhuma na Copa Libertadores. Pelo Brasileiro, o melhor visitante do campeonato perdeu apenas cinco vezes fora de casa, uma delas com a equipe reserva.

Outro fator que contribuía, desde 1971, para que taças escapassem pelos dedos era o desempenho da defesa. Balançar as redes do Everson não foi tarefa fácil no campeonato. Foram trinta e seis gols sofridos em trinta e oito jogos disputados, número que garantiu o posto de melhor defesa do Brasileiro. A marca poderia ser ainda melhor, mas o calendário intenso no final da temporada pesou e a equipe de Cuca sofreu onze gols nas últimas cinco rodadas. O treinador colocou em prático o discurso de que “ataques bons ganham jogos, defesas boas ganham campeonatos”.

A fórmula de disputa em pontos corridos permite que pequenos tropeços sejam superados nas rodadas seguintes. Já o mata-mata não lhe permite errar. Contra o Palmeiras, pela Libertadores, nós erramos. Em São Paulo, Hulk desperdiçou um pênalti no empate sem gols contra a retransmissão do técnico Abel Ferreira. No Mineirão, Vargas chegou a balançar as redes de Weverton, mas perdemos chances claras de gols e um deslize de Nathan Silva nos custou a eliminação da competição continental.

Sabor amargo para uma torcida que sabia do potencial daquele time para conquistar tudo o que disputasse. Quando o árbitro Wilmar Roldan encerrou a partida, tive a certeza de que seríamos campeões brasileiros. A Massa cantou alto o mantra “vamos, Galo, ganhar o Brasileiro”. No vestiário, o grupo abraçou o cabisbaixo Nathan Silva e reforçou que o Brasileiro não escaparia.

O ÁRBITRO MARCOU

O alto nível do futebol apresentado era um dificultador para o treinador decidir quem estaria entre os onze titulares. Era preciso suar a camisa até para garantir uma vaga no banco de reservas. Reza a lenda que muito corneta colocava o atacante Keno de fora da lista de relacionados.

A verdade é que o artilheiro do Galo no Brasileiro 2020 não vinha bem e o próprio jogador percebia isso. No empate contra a Chapecoense, no primeiro turno, todos os atletas desceram para o vestiário após a partida, menos Keno, que ficou cabisbaixo, sentado no banco de reservas sem entender o motivo da queda de rendimento. Em entrevista na Cidade do Galo, o camisa 11 revelou que companheiros percebiam que a fase ruim o incomodava e conversavam com ele diariamente.

Contra o Internacional, pela 23ª rodada, os times de Cuca e Diego Aguirre alternavam bons ataques, mas ninguém balançava as redes. A torcida esteve presente nos jogos contra o River Plate e Palmeiras, pela Libertadores, mas o duelo contra o Colorado era o primeiro encontro com a Massa pelo Brasileiro.

A vitória seria fundamental para virar a página e esquecer a eliminação na Libertadores. O clube gaúcho já havia conquistado um ponto, em Belo Horizonte, pelo Brasileiro 2020, e, em 2021, o jogo caminhava para outro empate. Keno entrou na vaga de Jair, aos 15 minutos do segundo

tempo, e incendiou o gramado molhado do Mineirão. Aos 33 minutos, em grande jogada de Hulk, o camisa 11 correu para a pequena área e marcou o primeiro gol no Brasileiro. A má fase teria ficado para trás?

Os dias foram passando e o Galo seguia ganhando no Brasileiro e na Copa do Brasil. Apesar do ataque poderoso, a defesa intransponível, a boa campanha dentro e fora de casa e o elenco forte no vestiário, o atleticano continuava desconfiado. O motivo da desconfiança não tinha qualquer elo com o Everson, Alonso, Jair, Cuca ou Hulk, vinha lá da década de 80.

Já citamos aqui que defesas com números ruins, aproveitamento baixo como visitante e até o Galo tropeçando nas próprias pernas contribuíram para os quarenta e nove anos sem conquistar o Brasileiro. A fórmula ainda permite somar azar, muito azar, e erros históricos de arbitragem, além da interferência dos tribunais e da entidade que administra o futebol brasileiro. Para encerrar a fórmula trágica, o título seria disputado contra o Flamengo, personagem tão presente nos eventos citados anteriormente.

A utilização do árbitro de vídeo não diminuía a desconfiança do atleticano. Se os caras do apito quisessem repetir as cenas do passado, teriam que agir de forma mais escancarada, apesar da palavra “constrangimento” não constar no dicionário dos envolvidos em grandes escândalos. Alguns foram até premiados com microfones em empregos que exigia análise de erros de arbitragem. Que ironia!

Contra o Santos, pela 26ª rodada, o público ainda era limitado. Apenas 16.514 pessoas puderam assistir ao jogo das arquibancadas. O pesadelo com a arbitragem veio aos onze minutos do primeiro tempo quando Paulo Roberto Alves Junior não marcou pênalti claro em Zaracho. No VAR, apesar dos vários ângulos, Adriano Milczvski não chamou o juiz para análise do lance. Pouco depois, Dylan Borrero foi derrubado dentro da área, mas nada foi marcado.

O sentimento de revolta tomou as arquibancadas e dos bastidores. Rodrigo Caetano, diretor de futebol, foi denunciado pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva por, supostamente, ter chutado a cabine do VAR. Focando apenas em gritos de protestos, a torcida não conseguia cantar e era possível ouvir um murmurinho a cada erro dos jogadores do Atlético. Cuca e os atletas estavam visivelmente abalados pelos erros do árbitro, que amarrava o jogo todo o tempo e errava em lances fáceis.

Para piorar o cenário no Mineirão, Diego Costa não voltou após o intervalo e Raniel abriu o placar para o Peixe no início do segundo tempo. Cuca decidiu ir para cima do Santos ao tirar Mariano e colocar Calebe; Sasha e Nacho haviam entrado no intervalo. Após cobrança de escanteio, o jovem Calebe foi empurrado na área e o árbitro de vídeo solicitou análise do lance. Pênalti para o Galo, convertido por Nacho Fernández.

O argentino havia perdido a titularidade e precisava dar a volta por cima na temporada. Contra o Ceará, na rodada anterior, já havia contribuído com uma assistência para o gol de Diego Costa. Com o empate contra a equipe da Vila Belmiro, o Mineirão explodiu e cada atleticano passou a cantar por dez pessoas.

Era dia de Nacho! Em cobrança de falta, o dono das canelas finas cruzou na área e Nathan Silva virou o placar. Ainda daria tempo de Calebe roubar boa bola no ataque e sofrer novo pênalti. Claro que a penalidade só seria marcada após análise no VAR. Para dar mais emoção à cobrança, Nacho bateu, o goleiro João Paulo deu rebote, mas a bola voltou para os pés do argentino, que não perdoou. Grande noite de Nacho e Calebe.

Vale destacar que todos os jogadores tiveram momentos de protagonismo no campeonato. Quando um atleta passava por má fase, os demais companheiros mantinham o alto nível do futebol apresentado pelo time de Cuca.

Mais três pontos na tabela e atenção redobrada com a turma do apito.

O GALO CLASSIFICOU

“E o Galo?” era a pergunta mais repetida em Minas Gerais. O segundo questionamento passou a ser quantas competições esse time seria capaz de conquistar em 2021. Jornalistas, torcedores, dirigentes e o próprio elenco faziam apostas de quais taças o Galo levaria para a Sede de Lourdes. A eliminação para o Palmeiras na Copa Libertadores deixou uma árdua lição sobre a obrigação de não errar em mata-mata.

Claro que o foco era encerrar o jejum de quarenta e nove anos sem ganhar o Brasileiro, mas a Copa do Brasil estava cada vez mais palpável. Por estar na competição continental, o Atlético estreou na terceira fase. Contra o Remo, Cuca sofreu nos dois jogos com desfalques de jogadores convocados para as Eliminatórias da Copa do Mundo e Copa América. A camisa falou mais alto e o Galo venceu no Pará e em Belo Horizonte.

Além da linda taça da Copa do Brasil, as cifras altas a cada classificação enchem os olhos dos clubes brasileiros. Atlético e Bahia disputariam quase três milhões e meio de reais, além de uma vaga nas quartas de final. Como Nathan Silva já havia disputado uma partida pelo Atlético Goianiense, Réver ganhou a vaga na zaga alvinegra. A vitória por 2 a 0 no primeiro encontro garantia uma boa vantagem, mas enfrentar o Bahia como visitante sempre foi um pesadelo para o Galo.

Aleticanos da torcida Galoifeira, de Feira de Santana, fizeram um outdoor para receber o clube do coração. O sorriso no rosto ficou apenas nas fotos registradas com os atletas na porta do hotel. Ainda no primeiro tempo, o Bahia abriu dois a zero no placar e jogou por terra a vantagem conquistada pelo Galo no primeiro jogo. Um gol bastava para o Galo ficar com a vaga, já que virar um jogo contra o Bahia, como visitante, após estar perdendo de dois a zero, seria impossível.

Na segunda etapa, Vargas diminuiu, mas não impediu a derrota atleticana. A única na Copa do Brasil. Seis jogos separavam o Galo da segunda taça da Copa do Brasil. Através de sorteio na CBF, ficou definido que o adversário nas quartas de final seria o Fluminense. Os duelos contra o tricolor carioca ganharam um sabor especial para o atleticano após o polêmico Brasileiro 2012. Era a hora de pagar! O Flu, não o Fred.

Em um jogo intenso no primeiro duelo contra os cariocas, três gols no primeiro tempo. O Atlético venceu a partida por 2 a 1 e ficou barato para o tricolor carioca, diante do caminhão de chances criadas pelo Galo. Na volta, o tradicional mosaico, idealizado por Thiago Scap, cobria as arquibancadas do Mineirão e dava vida às cadeiras vazias do estádio. Seria o último jogo do Atlético sem público na Copa do Brasil.

Hulk, de pênalti, marcou o único gol do jogo. A equipe do VAR chamou Raphael Claus, que conferiu as imagens e marcou a penalidade. Curiosamente, semanas depois, Claus não marcaria pênalti para o Galo em um lance semelhante, contra o Atlético Goianiense, pelo Campeonato

Brasileiro. A classificação rendeu mais de sete milhões de reais aos cofres do Galo e não seria o último encontro com Fred envolvendo cifras tão altas.

Quatro jogos separavam o Galo do título. Não dá para dizer que foi uma sequência recheada de adrenalina e suspense. O Atlético venceu as duas contra o Remo, as duas contra o Fluminense e viveu apenas alguns minutos de apreensão contra o Bahia. Não foi diferente nos dois encontros contra o Fortaleza. Três a zero no primeiro tempo do jogo de ida em um desses duelos em que você não consegue eleger o melhor em campo. O chute de Arana de fora da área, Keno enlouquecido nos dribles, Réver gigante, Hulk artilheiro, fatores que empolgavam a torcida e faziam a imprensa dar nota dez até para os gandulas do jogo.

Se existe alguém que entende de viradas impossíveis, esse time era o Galo. Uma vaga na final garantiria, no mínimo, R\$23 milhões de reais com o vice-campeonato. Com a boa campanha no Brasileiro e a iminente vaga na Libertadores, a torcida do Fortaleza minimizava a tragédia no primeiro encontro pela semifinal. Em campo, o time de Cuca fez jus aos versos do hino sobre um Galo forte e vingador. A derrota, no Mineirão, na estreia do Brasileiro, estragando a despedida do Tardelli foi cobrada com juro e correção monetária.

Vencemos no retorno do Brasileiro, goleamos no primeiro encontro pela Copa do Brasil e confirmamos a vaga na final da competição com mais uma vitória, no Castelão. Hulk, de pênalti, e Diego Costa, em grande arrancada, fizeram os gols. O Fortaleza chegou a diminuir no apagar das luzes, mas nem o torcedor do Leão do Pici percebeu o gol.

Era a terceira final de Copa do Brasil do Galo em oito anos. Na outra chave, o Flamengo foi humilhado no Maracanã e ficou apenas no cheirinho. A vitória do Athletico Paranaense por 3 a 0 definiu que o clube de Curitiba seria o adversário do Galo na decisão. Os rubro-negros cariocas juravam que a história seria diferente no Campeonato Brasileiro. Renato Gaúcho e companhia só não contavam com uma pergunta: E o Galo?

O GALO GANHOU

Criei o Camisa Doze em 2009 para que o Galo tivesse um espaço com a essência do atleticano. A Massa nunca precisou de hashtags, campanhas de marketing ou qualquer distorção da história para ser lembrada como referência de paixão e fidelidade. Se tivesse que esperar por mais um século pelo título do Brasileiro, lá estaria o atleticano enchendo estádios e cantando os versos de um hino que arrepiava as arquibancadas.

Existe algo muito curioso na Massa. Ela se curte muito! O Laerte esperando o time desembarcar no aeroporto, tia Célia e Tia Terezinha organizando os mascotinhos em campo, a Leni batendo com sombrinha no árbitro, o folclórico Sempre Galo, Belmiro, Willy Gonser, Dudu, a apaixonante Vovó do Galo, pessoas que nunca calçaram a chuteira, mas que entraram para a lista de ídolos de uma torcida. A gente gosta de quem gosta do Galo.

Se alguém grita que o Galo é Doido, a gente reforça que ele é doido doido doido doido doido. Basta uma pessoa acreditar para que a fé se multiplique; então o “eu acredito” acaba em “nós acreditamos” e isso liberta a alma.

Quando o Galo brigou pelo título do Brasileiro 2015, fiz o quadro “Deixa eu falar” para dar voz ao torcedor. O Atlético venceu a Ponte Preta, fora de casa, em 2015, e dei um “azar” enorme de

encontrar uma torcedora tímida quando liguei o microfone. Impulsionada pela cerveja, a Marci só repetia a frase “o Galo ganhou”. Curti muito, recortei o trecho e publiquei nas redes sociais.

Dias depois, o apresentador Marcelo Barreto abria o programa, no SporTV, com a mesma frase. Um seguidor me alertou para o ocorrido e reuni a Marci e o Barreto em um só vídeo. Deu liga! Aquilo soava para os meus ouvidos como uma balada do Chiclete com Banana no carnaval de Salvador. Vez ou outra, publicava após as vitórias do Galo em 2015, 2016, 2017.

Anos depois, o Afogados ganhou, o Galo contratou, o Sampaoli pirou e o meme fênix renasceu das profundezas da internet como um novo mantra. Após as vitórias, era obrigação postar o vídeo de catorze segundos. Bastava alguns minutos de atraso para que os mais supersticiosos exigissem a publicação. Era algo natural, de atleticano para atleticano.

“O Galo ganhou” foi ganhando força e as manchetes de grandes veículos de comunicação ao anunciarem as seguidas vitórias. O próprio Atlético passou a reforçar o mantra, além de perfis ligados ao futebol e marcas famosas no país. Quando o público voltou, contra o River Plate, a impressão é que soltar o grito era tão obrigatório quanto ter o ingresso em mãos. Vídeos circulavam pela internet com grupos de amigos repetindo quantas vezes forem necessárias. Faixas, copos e bonés com a frase eram vendidos por vendedores ambulantes nos arredores do estádio e o clube anunciou a venda de uma camisa com a frase.

A detentora dos direitos de transmissão usava o bordão nas chamadas dos jogos e o Marcelo Barreto levou o ritual para as manhãs do SporTV. Claro que não perdi a oportunidade de abrir o Alterosa Esporte com uma dança em círculos que irritava o Toledinho e o Hugão. O Toledo culpava o bordão pela boa fase do Atlético.

“E o Galo?” se tornou cumprimento em Minas Gerais. Como bom mineiro, atleticano ou não, a outra pessoa respondia respeitosamente que o Galo havia ganhado. O humorista carioca Yuri Marçal visitou Belo Horizonte e arriscou atravessar a cidade perguntando para as pessoas. Do morador de rua ao empresário, bastava surgir a pergunta para que a resposta viesse em um grande sorriso. O Galo ganhou!

Contra o Cuiabá, emoção até o último segundo de jogo na vitória apertada por 2 a 1. A Massa não abaixou a cabeça após o gol contra nos primeiros minutos e cantou alto. Quando o árbitro encerrou a partida, confirmando os três pontos na tabela, um turbilhão de pensamentos fervia minha cabeça. Percebi que já estávamos na contagem regressiva para a tão sonhada taça após quarenta e nove anos. Olhava para a arquibancada pensando quantos milhões de atleticanos passaram por ali, desde 1972, esperando por aquele momento.

Despertei ao perceber que um ritmo inédito começava a ganhar força no setor laranja. Um grito seguido de batidas de palmas era repetido e começava a se espalhar, chegando até o setor roxo, onde eu estava. “O Galo ganhou” cantado em alto e bom som pelos donos da camisa doze. O Fael chorou! Pessoas pediam fotos, mas eu precisava de alguns segundos para respirar. Cogitei pedir atendimento médico, pois o coração acelerava de uma forma assustadora. Não foi a última vez que a lágrima desceu com o grito se espalhando pelo estádio.

Os bastidores da TV Galo mostravam que “o Galo ganhou” já fazia parte das comemorações dos jogadores. Músicas foram gravadas em rock, axé, samba e funk. No funk “Mega do Galo”, do Gordão do PC e Gui Marques, MC Flavinho, MC Vitin da Igrejinha e MC Morena, surgiu a variante que daria nova força nas semanas finais de 2021. “O Galão ganhou mais uma vez, ai credo” foi o som dos vestiários e gramados graças ao lateral direito MC Guga.

O “eu acredito” é como um pedido de milagre para o mata-mata e funcionou com eficácia. O “Galo ganhou” foi uma celebração de que não seria sofrido em 2021. Foram duas derrotas no Mineiro, nenhuma na Libertadores, uma na Copa do Brasil e apenas seis no Brasileiro. Contra o Red Bull Bragantino, no último jogo como mandante pelo Brasileiro, a frase escolhida por Thiago Scap para o mosaico foi “o Galo ganhou”.

Dezenas de atleticanos tatuaram a frase em uma ação da MRV. Atleticanos do consulado CarioGalo, no Rio de Janeiro, colocaram um avião para sobrevoar praias cariocas exibindo uma faixa com a frase e arrancando gritos de ódio de flamenguistas nas areias.

Quando falarem sobre o ano mais fantástico da história do Clube Atlético Mineiro, será impossível não lembrar da pergunta: E o Galo? O Galo ganhou!

A MASSA LOTOU

Claro que o atleticano não sossegaria em Belo Horizonte diante de um título tão próximo. A solução foi se infiltrar no meio da torcida mandante quando o Galo deixava a capital mineira. Bastava os jogos acabarem para que fotos circulassem pela internet revelando a quantidade de alvinegros infiltrados. Houve quem esqueceu de tampar tatuagens ou não se aguentou quando o Galo balançou as redes.

Percebendo que havia o risco de a Massa ser maioria no Maracanã, o Flamengo tentou impedir a invasão de todas as maneiras possíveis. O Atlético solicitou a carga de ingressos dentro do prazo correto, mas não obteve resposta. Foi preciso entrar com pedido de liminar no STJD para receber os bilhetes. Os cariocas não respeitaram a decisão do STJD e bateram o pé para desencorajar os mineiros de pegarem as estradas.

Caravanas foram canceladas e milhares de torcedores, por terra ou com voo marcado, desistiram de ir até o Rio de Janeiro. Quem foi, começou a comprar ingresso na torcida do Flamengo. Fotos circulavam pela internet com atleticanos adquirindo os bilhetes nos postos de venda dos rubro-negros.

Pouco antes da bola rolar, dirigentes do Flamengo informaram que os atleticanos poderiam entrar no setor visitante do estádio, independente do ingresso adquirido. Alguns conseguiram entrar, mas outros foram barrados, o que gerou muita confusão do lado de fora. A quantidade de torcedores na porta do hotel onde o Galo estava concentrado justificava tamanho medo dos rubro-negros.

Contra o Atlético Goianiense, Nathan Silva colocou o Galo em vantagem e só se ouvia o hino do Galo nas arquibancadas do estádio Antônio Accioly. Foi preciso que o policiamento improvisasse um setor visitante para a Massa. Vale destacar a forma calorosa como o clube foi recebido por consulados, torcidas e movimentos em todo o país. Não faltou rua de fogo, outdoor, cartazes e muita festa na porta dos hotéis durante a temporada.

A amizade com a torcida do Palmeiras permitiu que a invasão fosse ainda maior no Allianz Parque. Como os ingressos vendidos para os atleticanos esgotaram em minutos, a solução foi comprar nos setores vizinhos. O mapa de vendas mostrava um estádio vazio para a noite do jogo, exceto no setor visitante e arredores. Quando a bola rolou, os atleticanos puderam usar o manto alvinegro sem problemas, mesmo no espaço da torcida palmeirense.

Na final da Copa do Brasil, centenas de pessoas circulavam pelas ruas próximas à Arena da Baixada, em busca de ingressos para a partida. Torcedores do Galo lotaram o espaço dos visitantes e, camuflados, se espalharam no território dos paranaenses.

Disputar ingressos esteve na rotina em toda a temporada. Filas virtuais intermináveis para uma torcida extremamente empolgada. Devido à pandemia da Covid-19, a liberação de 100% da capacidade de público do Mineirão aconteceu após a 29ª rodada do Brasileiro. Pela Copa do Brasil, o Atlético contou com estádio lotado apenas na final da competição.

Nos primeiros jogos com público, foi necessário apresentar teste negativo para Covid-19 e os portões eram fechados uma hora antes do início das partidas. Posteriormente, torcedores que, comprovadamente, tivessem recebido as duas doses da vacina não precisariam fazer o teste.

A corrida virtual para adquirir ingresso fez o programa de sócios Galo Na Veia alcançar a marca de 125 mil atleticanos.

A ANSIEDADE AUMENTOU

“Vamos, Galo! Ganhar o Brasileiro...” embalava as arquibancadas do Mineirão. Contra o Cuiabá, quando Nathan Silva, aos dois minutos de jogo, tentou recuar a bola para Everson e acabou anotando gol contra, a torcida cantou ainda mais alto. O som arrepiava pela força em que era cantado. O empate veio aos 5 minutos, com Hulk, e Jair garantiu a virada, nos acréscimos do primeiro tempo.

Em jogo adiado da 19ª rodada, o Grêmio visitou o Mineirão com a corda no pescoço. O Galo também precisava reagir, pois havia perdido dois dos últimos três jogos. A vitória sobre o tricolor gaúcho, por 2 a 1, deixou o Galo com dez pontos de vantagem para o Palmeiras, segundo colocado, e doze para o Flamengo, terceiro colocado.

Os cariocas quase sempre estavam com jogos a menos, graças ao descanso no início do campeonato, quando os clubes cederam atletas para as Eliminatórias da Copa do Mundo. Cuca optou por entrar em campo no período e o Flamengo preferiu esperar, o que gerou muita revolta em Renato Gaúcho quando chegou a hora de cumprir a tabela.

Viciado em adrenalina, o atleticano cantava “todo mundo vai sofrer” antes do duelo contra o América, pela 30ª rodada. O trecho não era uma previsão do placar, mas uma homenagem à cantora Marília Mendonça, que morreu em um acidente aéreo na semana da partida. Em campo o “sentimento louco” de Ademir, atacante do Coelho, que poderia marcar contra o futuro clube e complicar os cálculos alvinegros para o título.

O único gol do jogo foi marcado por Guilherme Arana, no segundo tempo, garantindo dezoito jogos de invencibilidade do Atlético no confronto contra o América. “Supera”, americano. Hora de ignorar a “ciumeira” e dizer “bye bye” para o Ademir.

Todo jogo era tido como o decisivo para o atleticano. Se vencesse o próximo confronto, o título estaria praticamente garantido, ninguém alcançaria o Galo, não importa o que os matemáticos da UFMG dissessem. Aliás, vale destacar que ninguém dormia em Minas Gerais até que a Universidade Federal de Minas Gerais atualizasse os cálculos após as rodadas.

A única regra era conferir o percentual de chances de ser campeão e ter a certeza de que nada estava resolvido. Não podia gritar nas ruas, nem postar nada na internet para não trazer azar.

Só que vendedor ambulante não fecha pacto com ninguém e ignora totalmente qualquer atualização dos matemáticos da UFMG. O número de produtos comemorativos pelo título do Brasileiro 2021 aumentava a cada semana e a segunda estrelinha amarela surgiu até em balão dentro do estádio.

Vencer o Corinthians significava se aproximar do bicampeonato com gostinho de vingança. Pedra no sapato em outras edições do Brasileiro, o clube paulista já havia contribuído com três pontos na vitória atleticana, de virada, em Itaquera. A expectativa era de um jogo difícil, já que os selecionáveis estavam de fora da partida e Nacho seria poupado. Jair começou no banco de reservas, mas Keno voltou à equipe titular, mesmo tendo deixado o gramado do Maracanã, dias antes, com lesão na coxa e desfalcado o Galo em dois jogos seguidos.

O calendário intenso da competição exigia ao máximo a utilização de todo o grupo. Para a sorte de Cuca, os substitutos mantinham a regularidade e não deixavam a qualidade do futebol apresentado cair. Azar do Corinthians, que viu Réver começar a construção do golaço de Diego Costa, de fora da área, logo aos 13 minutos do primeiro tempo. No segundo gol, foi a vez do reserva Tchê Tchê dar passe para Keno acertar outro míssil de fora da área.

Para fechar a conta, Hyoran e o meia Nathan trocaram passes até encontrarem Hulk na área. Era dia de golaços e o artilheiro não podia ficar de fora da brincadeira. Carnaval na zaga do Corinthians para fazer o terceiro do jogo. “O Galo ganhou” já era cantado antes mesmo do apito final.

Sem sufoco ou placar apertado para usar a expressão “sorte de campeão”. De certa forma, a sorte até que apareceu, mesmo que de maneira inusitada. A expectativa era de que Athletico Paranaense e Palmeiras poupassem peças contra o Galo, visando as finais das Copas Sul-Americana e Libertadores, respectivamente. Como a rodada do confronto contra o Bahia foi adiada, o clube de Curitiba seria o adversário seguinte.

Renaldo, ex-atacante do Galo, engrossava os gritos da Massa na Arena da Baixada. O baiano que veio do Paraná passou perto do título em duas oportunidades vestindo a camisa alvinegra. Foi eliminado pelo Corinthians, em 1994, e viu a Portuguesa, em 1996, comemorar a classificação para a final em pleno Mineirão. Dessa vez seria diferente?

Se dependesse do Zaracho, sim. O argentino se destacou no campeonato pela movimentação em todo o campo de jogo, exercendo diversas funções. Para o terror dos adversários, a trinca Allan, Jair e Zaracho trabalhava em perfeito equilíbrio, alternando subidas ao ataque e a blindagem na defesa.

Allan era o homem de confiança de Cuca, que indicou o volante para Tite, técnico da Seleção Brasileira. Com mais tempo de casa entre os três, Jair esbanjou elegância no campeonato e contribuiu para a perfeita saída de bola. A cereja do bolo no meio era o incansável Zaracho, que marcou o único gol do duelo contra o Athletico Paranaense após grande jogada de Keno.

Vitória que fez o Galo alcançar os mesmos 71 pontos do campeão da edição anterior. Seis finais separavam o Atlético da glória eterna. Estava cada dia mais difícil concentrar nas atividades do dia a dia sem simular resultados, repetir cálculos e secar os adversários. Os mais confiantes já apostavam na tentativa de acertar o dia que viria a confirmação do título.

A ESPERA ACABOU

Cada estádio tem a própria peculiaridade, mas existe um fator que se repete em todos eles. A dificuldade para receber a Massa em estado de êxtase. Aconteceu no passado e acontece no presente. Pela 34ª rodada do Brasileiro, no duelo entre Galo e Juventude, o Mineirão recebeu o maior público presente, desde a reinauguração do estádio, em 2013.

Tudo se torna difícil na vida de arquibancada, seja entrar no estádio ou comprar tropeiro. O perfil do Gigante da Pampulha nas redes sociais comparou o número das vendas de dois clubes da capital mineira nos jogos com maior torcida em 2021. A Massa consumiu quase o dobro de cerveja e tropeiro, um pesadelo para quem planeja a logística do evento.

Não era o único pesadelo no estádio. As defesas adversárias simplesmente não conseguiam frear o ataque atleticano. Restando poucos jogos para o término do Brasileiro, Keno parecia viver o auge técnico e físico da temporada, enquanto Diego Costa e Hulk esbanjavam qualidade e força nas disputas. Restou ao Juventude estacionar um ônibus na defesa e rezar para que os minutos passassem voando.

Quando Réver pediu para ser substituído, ainda no primeiro tempo, Nacho Fernández entrou na vaga do zagueiro e mudou toda a formação do time em campo. Mesmo com tanto poderio ofensivo, o primeiro gol veio somente aos 26 minutos do segundo tempo, com Hulk, de pênalti. Restou ao Juventude deixar a retranca e atacar o Atlético, prato cheio para Cuca.

Bastou um segundo de desatenção para que Keno roubasse a bola no campo de defesa, iniciasse uma arrancada assustadora e tocasse para Hulk, de fora da área, acordar a coruja como se tivesse um despertador dentro de cada chuteira. A dupla voou para uma batida de peito no melhor estilo Jô e Ronaldinho. Que homenagem! “Chora, não vou ligar. Chegou a hora, vais me pagar”, cantava a torcida. Era o atleticano quem chorava na arquibancada. Em breve, poderia festejar sem pensar em mais nada.

Cuca manteve o ritual de reunir os atletas no centro do gramado para agradecer a torcida. O time ignorava os 74 pontos e ainda não comemorava, mas os torcedores já não implicavam com a torcida JaraGalo e os balões com duas estrelinhas próximo à área de imprensa. Foi a primeira vez que ouvi uma forte onda com gritos de “campeão”. Houve quem gritou convicto, outros gritaram desconfiados e sei de quem gritou sem saber o que estava falando, apenas embalado pelas Brahma’s da noite.

Era a hora de reencontrar o Palmeiras, algoz da Libertadores, e o caldo engrossou mais do que se imaginava contra o adversário que optou por poupar peças pensando na final do torneio continental. A ansiedade parecia atrapalhar o Atlético em algumas apresentações. O peso de cinquenta anos sem a conquista ficava maior a cada passo dado em direção à taça. Os últimos dias de exorcismo foram os piores.

Enquanto Galo e Porco se enfrentavam no Allianz, o Flamengo visitava o Grêmio em uma noite de muita adrenalina. O primeiro gol saiu dos pés de Wesley, do Palmeiras, mas Zaracho empatou minutos depois. Quando os dois times foram para os vestiários, o Flamengo abriu o placar no sul do país e chegou a estar vencendo por dois a zero.

A montanha-russa de emoções do atleticano ficou mais intensa com o empate do Grêmio, enquanto o árbitro marcava pênalti para o Palmeiras, em São Paulo. Patrick bateu, Everson defendeu e a defesa jogou para escanteio. Na cobrança, Everson errou na saída do gol e o Palmeiras voltou a ficar na frente do placar.

Não dava para desperdiçar o tropeço dos flamenguistas contra um forte candidato ao rebaixamento. Era a hora do super-herói entrar em ação e ele nunca decepciona. De fora da área, Hulk soltou a forte canhota para a explosão de atleticanos infiltrados em todos os setores do estádio. Apesar do bom resultado fora de casa, o empate impedia a confirmação do título na rodada seguinte, contra o Fluminense. A matemática poderia adiar a taça, mas não poderia impedir a festa.

O ATLETICANO GRITOU

Os balões com duas estrelas amarelas, carregados pela torcida JaraGalo, deixaram de ser vistos como objetos de azar e passaram a ser encarados com admiração na arquibancada. Os vendedores ambulantes ignoravam o estatuto do clube e já oficializavam a segunda estrelinha acima do escudo.

Alexandre Kalil, prefeito de Belo Horizonte, era um dos quase 60 mil atleticanos presentes no Mineirão. Supersticioso, o turco deve ter arrependido da ida ao estádio quando, aos 13 minutos, o Fluminense saiu na frente do placar. Se estava dando certo assistir de casa, por que quebrar a rotina? Não havia zica que resistisse ao Galo de 2021. Ficava sempre a sensação de que o gol sairia no próximo lance. Ele veio com Hulk, de pênalti, ainda no primeiro tempo.

Quem está acostumado com o dia a dia de arquibancada sabe quando a torcida está apreensiva. O clube liderava com folga, o time era bom, mas o atleticano queria confirmar logo o título, ele não suportava mais uma semana sem ter a certeza de que o troféu estaria na Sede de Lourdes. As músicas deixam de ser gritadas e passam a ser um murmurinho, como uma reza, um suplício no estádio.

O Mineirão transpirava ansiedade quando Hulk ajeitou a bola para a cobrança de falta. A distância era enorme, mas ninguém mais duvidava de qualquer coisa vinda daquela canhota. Hulk justificou a confiança do torcedor e contou com ela, a sorte de campeão. Desvio na cabeça do adversário e bola no fundo do barbante. É gol! O meu time é a alegria da cidade.

Hulk correu até a bandeirinha de escanteio e ergueu o punho. Em frente ao súdito, o Rei chorava, pois sabia que não haveria injustiça dessa vez. Para libertar a nação, Hulk mostrou que conhecia sobre a história daquele povo.

Um senhor cutucou meu ombro e perguntou se já podia colocar a faixa de campeão. Repreendi, mas não obtive apoio dos companheiros de arquibancada. “É campeão”, gritava o atleticano. Sempre olhei para o Cuca no gramado, pois me identificava com o discurso cauteloso do professor. Em outros jogos, não passava de umas corridinhas perto do banco de reservas ou uma descida acelerada para o vestiário. Dessa vez, partiu do técnico a ordem de dar as mãos, agradecer a torcida e festejar.

O gramado do Mineirão se tornou palco de carnaval. Depois a gente se entendia com a UFMG, agora era a hora de celebrar a marca de 78 pontos. Havia uma fila de jogadores para registrar foto com estrelinhas amarelas arremessadas pela arquibancada. Victor não escondia o sorriso no rosto. O goleiro havia conquistado a Libertadores e a Copa do Brasil como atleta e agora estava próximo do título do Brasileiro, dessa vez, como dirigente.

Ninguém deixava o estádio. Estávamos adorando aquela atitude irresponsável de comemorar a conquista, mesmo com a chance matemática do Flamengo. Se os cariocas não vencessem o

Ceará, dia 30 de novembro, não haveria mais chances de ultrapassar o Galo na tabela. O Vozão não contava com um grande time, mas o adversário estava nas cordas com a derrota para o Palmeiras, na final da Libertadores, e a queda de Renato Gaúcho do comando rubro-negro.

Cenário que fez os atleticanos debaterem se a comemoração seria menor com o título sendo confirmado sem o Galo em campo. A dúvida durou até o gol de empate do Ceará, devidamente comemorado em Fortaleza e em Minas Gerais. O Flamengo virou e adiou aquilo que era inevitável, a festa na Praça Sete.

Helicópteros sobrevoaram a Cidade do Galo em busca de imagens dos jogadores entrando no ônibus, rumo ao aeroporto. Por pouco, as lentes não registraram a oração da comissão técnica, atletas e funcionários do centro de treinamento, todos convocados por Cuca. Como sempre, Laerte esperava no aeroporto. Ninguém visitou Confins tantas vezes como aquele torcedor, que agora exibia um sorriso em tom de agradecimento. Os funcionários do clube sabiam que se fosse briga contra o rebaixamento, Laerte estaria com a mesma serenidade e alegria.

Mesclando incentivo e um tom de festa pelo título, atleticanos receberam o time na porta do estádio com gritos, foguetes e sinalizadores. O sistema de pontos corridos tirava a emoção das conquistas, não havia adrenalina com o grito de campeão semanas antes da última rodada. Isso era o que repetiam para o atleticano até a bola rolar na Fonte Nova. Analistas de futebol que desconhecem o vício do Clube Atlético Mineiro em construir roteiros épicos em qualquer situação.

Corria um boato de que havia trio elétrico escondido em Belo Horizonte, pronto para receber Bell Marques na comemoração da Massa na Praça Sete. O primeiro tempo sem gols em Salvador deixava a indefinição sobre a utilização do trio no dia 2 de dezembro. Até a chuva cessou durante o jogo para acompanhar os 45 minutos finais. Mais do que os desfalques de Allan, Jair, Réver, Savarino e Diego Costa, o Galo teria que segurar a ansiedade.

Não havia logística que aguentasse tanta gente pelos bares, então a solução era esperar a turma do radinho descrever os lances. “Luiz Otávio subiu mais alto no escanteio e marcou”. Aos 16 minutos do segundo tempo, o Bahia estava na frente do placar. Festa na Fonte Nova, exceto para os vários atleticanos infiltrados. A situação ficou ainda mais difícil quando os radinhos do Bar do Salomão, Arena do Espeto e Espeto Na Veia anunciaram que Gilberto marcava o segundo gol do tricolor.

O placar de 2 a 0 fazia um filme passar pela cabeça do atleticano. Alguém tinha que ter furado aquele balão de estrelinha. Foi a comemoração contra o Flu que zicou, o Ceará tinha que ter vencido. E se não ganhasse do Bragantino também? Nathan e Sasha saíam do banco de reservas com a missão de acalmar o coração alvinegro. A dupla justificou a decisão de Cuca quando Nathan acionou Sasha e o atacante foi derrubado na área. Pênalti para o Galo! Hulk cobrou e correu em direção à bola para retomar a partida rapidamente.

Um minuto depois, quando Keno marcou o segundo, o atleticano já comemorava a vitória. A Libertadores 2013 nos deixou com a certeza de que Edcarlos acertaria aquele cabeceio contra o Corinthians, em 2014, e que o Luan eliminaria o classificadão Flamengo. O Atlético do século 21 abandonou Wrights e Aragões, tragédias e decepções. Atleticanos e rivais sabem que o impossível acontecerá a qualquer momento, sempre a favor do Galo. O universo conspira a favor para que o mundo repita que o “Galo ganhou”.

Foi um título sofrido? Duas respostas são possíveis. Se o questionamento é pela tabela final de classificação, podemos dizer que havia muita tranquilidade com a larga vantagem, mas se falarem sobre o dia 2 de dezembro de 2021, diga que você também se perguntou. Por que é que tem que ser tão sofrido?

O chute do Keno deu play no trio do Bell, fez o grito sair após cinquenta anos, permitiu que a multidão caminhasse até a Praça Sete. O chute do Keno cicatrizou feridas, vingou Reinaldo, fez o Alexandre lembrar do Elias. Vamos subir, Galôôô! Subimos, como Dadá em 71, e tocamos o céu. O Atlético foi ao paraíso, pois acreditou que esse dia chegaria. E ele chegou. O Galo ganhou.

A gente passou a se comunicar pelo olhar em Minas Gerais. Se alguém ria, o outro entendia o motivo do sorriso, se o outro chorava, o abraço amigo mostrava compreensão por aquele desabafo. Qualquer reação era permitida naquela noite, até dar cambalhotas ou repetir “Hulk, Hulk” centenas de vezes com os braços arqueados.

De Marrocos a Pernambuco, de Salvador a Belo Horizonte, os olhos atleticanos se afogavam em lágrimas. Consulados, movimentos, torcidas e grupos de torcedores espalhavam o hino do Atlético pelo mundo. O mar de gente que conectou a Sede de Lourdes à Praça Sete festejou madrugada adentro, mas nem todos conseguiram esperar a chegada do time.

O carro de Bombeiros transportou os atletas até o centro da capital mineira, mas a equipe só chegou pouco antes do sol raiar na sexta-feira. O encontro principal ficou para o Mineirão.

O CLUBE COMEMOROU

A ola dava voltas intermináveis pela arquibancada. De boné, o carismático Waleff participava da festa no Mineirão e recebia o agradecimento do torcedor todo o tempo. Waleff foi o goleiro do Afogados na noite que tinha tudo para ser trágica, mas que o atleticano optou por registrar na história como a grande virada de chave para o clube.

O atleticano não se importava se Cuca optaria por escalar reservas e algumas pessoas sequer se lembravam quem o Galo enfrentaria naquela tarde. Seria o Red Bull Bragantino, dono de uma boa campanha no Brasileiro. Pelo lado alvinegro, Hulk e Allan foram para o banco de reservas, enquanto Nacho sequer foi relacionado.

O argentino não era o único craque circulando pelo estacionamento do estádio. Jogadores do passado que não conseguiram conquistar o título Brasileiro seriam homenageados pelo Atlético no gramado do Mineirão. Os ídolos entraram em campo com os aplausos de torcedores de diferentes gerações. Era uma tarde de viagem no tempo e homenagens emocionantes.

Torcedores levaram fotos de atleticanos que faleceram e não puderam comemorar o tão sonhado bicampeonato. A arquibancada ficou coberta com mensagens, banners e fotos de quem não podia ficar de fora daquele momento tão especial. No gramado, era a hora de registrar a foto oficial do pôster de campeão. Com os olhos marejados, vimos o árbitro autorizar o início do jogo que seria o último encontro da Massa com o time campeão brasileiro.

Vários atletas apareceram com o cabelo platinado, moda copiada por milhares de torcedores nas semanas seguintes. Keno optou pelo cabelo preto, sem as trancinhas, e foi dele o primeiro goloço do jogo. O Bragantino chegou a empatar, ainda no primeiro tempo, e virar, nos minutos

iniciais da segunda etapa. A fase do Keno na reta final do campeonato fazia o atleticano lamentar o encerramento do Brasileiro. Partiu dele o passe para Zaracho deixar tudo igual no placar.

Dezenas de milhares de estrelas amarelas formavam um mar dourado na arquibancada do Mineirão. Uma festa tão bonita em dia de taça pedia vitória e ela começou a ficar mais próxima com o gol de Savarino. O venezuelano ainda deu passe para Hulk marcar o 19º gol dele no campeonato. Uma pintura! O Bragantino diminuiria nos segundos finais, mas a vitória estava garantida.

Renato Salvador, Rafael Menin, Rubens Menin e Ricardo Guimarães pulavam feito crianças na lateral do gramado. Ricardo não descolava do abraço de Reinaldo. O Rei não escondia a felicidade naquele domingo e frequentemente ia até a arquibancada para saudar os súditos. Quando os organizadores da premiação autorizaram a entrada da taça, o Mineirão arrepiou. Dario José dos Santos começou a caminhada em direção ao pódio, enquanto a Massa gritava “Dario, Dario”. Dadá Maravilha havia erguido a primeira cinquenta anos antes.

Para fechar o roteiro perfeito, Réver e Junior Alonso convocaram Belmiro para erguer a taça com os capitães. Por estar no camarote antes da partida, Bel ficou de fora dos pôsteres do Brasileiro e da Copa do Brasil. Taça para o céu, o Clube Atlético Mineiro era oficialmente o campeão do Brasileiro 2021. Pedacos de grama e das redes dos dois gols passaram a ser disputados pela multidão em campo. Torcedores, dirigentes, familiares e amigos dos atletas participaram da volta olímpica ao lado do elenco campeão.

A conquista garantiu R\$ 33 milhões para os cofres do clube. Na última rodada do Brasileiro, o Atlético perdeu por 4 a 3 para o Grêmio. Cuca optou por escalar os reservas e poupar o time principal para a final da Copa do Brasil.

Na cerimônia que premiou os melhores do Brasileiro, realizada na Sede da CBF, no Rio de Janeiro, domínio atleticano. Junior Alonso, Guilherme Arana, Jair, Nacho, Hulk e Cuca estiveram na seleção do campeonato. Hulk também faturou os prêmios de artilheiro e craque do Brasileiro. Na 52ª edição do troféu “Bola de Prata”, além do técnico Cuca, Everson, Mariano, Alonso, Arana, Jair, Nacho e Hulk estiveram entre os selecionáveis. Zaracho foi a revelação do campeonato. Hulk também levou uma Bola de Prata como artilheiro e a Bola de Ouro em uma das premiações mais tradicionais do futebol brasileiro.

Everson também conquistaria, dias depois, a Luva de Ouro, como melhor goleiro da Copa do Brasil. Colecionador de prêmios, Hulk ficou com a Chuteira e a Bola de Ouro como artilheiro e melhor jogador da Copa do Brasil. O troféu Guará teve Everson, Mariano, Alonso, Arana, Allan, Jair, Zaracho e Nacho; além de Hulk e Cuca na seleção da premiação promovida pela rádio Itatiaia.

Mesmo com tantos troféus e premiações, cabia mais uma taça em 2021 – A Copa do Brasil.

O GALO COPOU

A Copa do Brasil reunia dois campeões na temporada. O Atlético já havia conquistado o Mineiro e o Brasileiro, enquanto o Athletico Paranaense foi campeão da Copa Sul-Americana. A novidade era a presença da torcida adversária no estádio. A arquibancada também contaria com ídolos campeões da Copa do Brasil em 2014. Diego Tardelli e Luan assistiram à final no Mineirão, palco onde ergueram a taça da primeira conquista alvinegra.

Além dos ex-jogadores homenageados no gramado contra o Red Bull Bragantino, era comum ver ex-funcionários/torcedores do clube circulando pelas arquibancadas do Gigante da Pampulha. Tchô, Rafael Miranda, Lincoln, Mancini, Rodrigo Santana, Elias, Otero e Marinho fizeram questão de acompanhar de perto a grande temporada atleticana.

A ansiedade para a final nem se aproximava do sentimento da reta final do Brasileiro. Todas as atenções estavam voltadas para o fim do jejum de cinquenta anos e, após garantir a taça, não deu tempo de digerir a final de outra competição tão próxima. Só que o Athletico também precisou dividir a atenção com a Sul-Americana e a luta contra o rebaixamento, já que optou por poupar o time principal em diversas rodadas do Brasileiro.

Quando Diego Costa pediu substituição nos minutos iniciais, nem o atleticano mais otimista poderia imaginar que aquela seria a segunda final de Copa do Brasil mais fácil da história. A ausência do camisa 19 em campo não fez o ataque ser menos intenso. O Galo continuava amassando o clube paranaense e o gol era questão de tempo. Ele veio com Hulk, de pênalti, abrindo a porteira no Mineirão.

O segundo gol alvinegro era um retrato da fase de Keno. Quando o camisa 11 dominou a bola, os companheiros de time pararam para assisti-lo. Ninguém se movimentou ou pediu passe, apenas acompanharam o desfecho do lance que estufou o barbante do goleiro Santos. Golaço! Everson assistia de camarote, mas precisou buscar uma no ângulo quando foi acionado em cobrança de falta de Terans, evitando a lei do ex.

Amarelado, Thiago Heleno desfalcava o Athletico no jogo de volta. Talvez o lamento da torcida adversária pela ausência do experiente zagueiro tenha ficado menor depois da falha cometida diante do incrível Hulk. Dessa vez, Hulk perdoou, Vargas não. O goleiro Santos não segurou o chute do camisa 7 e a bola caiu nos pés do chileno, que estufou as redes. Gritos de “bicampeão” surgiram na arquibancada. Se o título escapasse, bastava dizer que eram referentes ao Campeonato Brasileiro.

Allan não estará nos vídeos com os principais lances da partida, já que pouco aparece no ataque, mas o volante foi gigante mais uma vez e dominou o meio-campo nos noventa minutos. Em ritmo de treino, Vargas finalizou com força e fechou o placar em 4 a 0 para o Galo. O time de Cuca tinha sete jogadores na área no momento do chute do chileno. Por pouco Hulk não marcou o quinto, de placa.

Quem imaginou que encontraria um time de ressaca contra o Red Bull e uma equipe cansada contra o Athletico e assistiria a oito gols que justificavam o debate: seria o melhor Galo de todos os tempos?

Além da ampla vantagem no placar, outro fator dava confiança para o Galo para o jogo de volta. O clube sempre se sentiu à vontade na Arena da Baixada. Depois do empate em 2016, o Galo comemorou vitórias na Arena em 2017, 2018, 2020 e 2021. Nem a temida grama sintética foi problema para o alvinegro nos confrontos.

O torcedor também se sentiu em casa pelas ruas de Curitiba. Só se ouvia o hino do Galo pelos hotéis, bares e boates da capital paranaense. Muita gente ainda estava na estrada, principalmente no comboio da Galoucura, mas nem todos conseguiriam entrar no estádio. Era muito atleticano para pouco ingresso e os cambistas pediam mais de mil reais nos bilhetes que restavam. O consulado Galotiba se reuniu horas antes da partida em clima de comemoração e muitos moradores de Curitiba ficaram de fora por não conseguirem ingressos.

Se a intenção era causar desconforto nos visitantes, a torcida mandante escolheu a pior forma de colocar o plano em prática. A delegação mineira foi atingida por pedras e latas que quebraram vidros do ônibus que levava o time até o estádio.

Do lado de dentro da Arena, a CBF caprichou na festa antes do jogo. Além do show de luzes e imagens, Victor e Lucho González carregaram a taça até o totem no centro do gramado. O teto fechado valorizava o barulho das duas torcidas durante o aquecimento. A bola rolou e os principais lances nos minutos iniciais foram trocas de empurrões entre os jogadores.

Pedro Rocha chegou a balançar as redes, mas o gol foi anulado pelo árbitro de vídeo. Os profissionais em campo receberam um banho de cerveja e objetos arremessados no gramado. O descontrole ficou ainda maior quando Zaracho encontrou Keno livre para marcar. Outra goleada poderia ter sido construída, ainda no primeiro tempo, mas o Galo colecionou chances desperdiçadas. Quem ousaria reclamar?

A torcida paranaense reclamou quando a arbitragem anulou mais um gol do clube mandante. Teve quem começou a deixar o estádio e nem viu a dupla SavaHulk em ação no segundo gol alvinegro. Nada melhor que fechar a temporada com o craque do país esbanjando categoria ao dar um toque sutil sobre o goleiro Santos. O gol de honra do vice-campeão saiu nos minutos finais.

Bica! Bicampeão do Brasileiro e da Copa do Brasil. Títulos que colocavam Cuca no posto de maior técnico da história do Atlético. Time e torcida não sabiam que aquele seria o último encontro com o treinador. Partiu de Cuca a ordem para repetir o gesto que se tornou rotina no ano. Jogadores e comissão técnica correndo até a torcida de mãos dadas para agradecer. Vetado na final, Diego Costa apareceu e teve o nome gritado pela arquibancada. A Massa também exaltou nomes como Belmiro e Cristiano Nunes, preparador físico que se destacou pelas palavras motivacionais antes dos jogos.

A felicidade estava estampada no rosto de todos os atletas. Até Junior Alonso deixou a cara de xerife sério para esbanjar alegria. Era noite de despedidas e não sabíamos. Alonso ergueria a última taça com a camisa do Galo. Ao lado do capitão, Réver e Igor Rabello repetiram o gesto tão frequente no ano. Vargas não deixava o bar da Brahma dentro do gramado, chegou a encher o troféu de melhor em campo com cerveja para derramar nas costas do gigante Hulk.

Em 2021, Hulk nos mostrou que os super-heróis existem. Podem ganhar pela força ou com um simples toque sutil, inalcançável. Mostrou grandeza ao erguer o punho e reverenciar um Rei, mostrou leveza quando um Hulkinho especial pediu a camisa. Givanildo Vieira de Sousa trouxe a Paraíba até Minas Gerais, levou o Galo pelo mundo. Mesmo com tantos prêmios e troféus, a maior lembrança para o futuro é o respeito e admiração que encontrou vestindo a camisa alvinegra. Nós temos um Hulk e o Hulk tem uma Massa. Hulk! Hulk! Hulk!

No aeroporto, de volta para Belo Horizonte, o dirigente Pedro Tavares ergueu a taça e permitiu que os torcedores tirassem foto com o objeto tão desejado. A Sede de Lourdes foi o principal ponto turístico de Belo Horizonte nas datas festivas de final de ano. Todos queriam registrar o encontro das taças no Memorial do clube. Multidões disputavam os produtos do clube nas Lojas do Galo, já que era regra a presença do escudo alvinegro nos presentes de Natal.

Se entregassem papel e caneta para o atleticano em janeiro, certamente ele não escreveria um roteiro tão perfeito para a temporada. Muito mais que as taças, superamos as adversidades em um período difícil para todo o planeta e não deixamos o Galo sozinho nem quando não podíamos

estar na arquibancada. Voltamos para o estádio e o hino ainda nos arrepiava. Arrepios que se repetiam a cada novo ídolo ou nas devidas homenagens que fizemos em despedidas que doeram.

Não está longe de nós quem está perto de Deus. Lembramos de quem já não estava por aqui e o Mineirão coube milhões de corações apaixonados em um mar de estrelinhas. Deixamos de lado as desconfianças e traumas do passado para fincar nossa bandeira por todo o país repetindo incansavelmente que o Galo ganhou.

E O GALO? O GALO GANHOU!

O GALO CONFIRMOU

Não havia como contestar o fato de que o Galo foi o dono do Brasil e o grande campeão de 2021, mas contratos precisam ser cumpridos e o vice-campeão do Brasileiro enfrentaria o Atlético pela Supercopa. Nada conseguiria tirar a paz que dominava a alma do atleticano no paraíso, mas o destino aceitou o desafio. A primeira jogada no tabuleiro de xadrez em busca do caos foi a publicação do clube confirmando a saída do técnico Cuca.

Que déjà vu! Nos despedimos do Cuca sem entender os sentimentos que invadiam nosso coração. Não havia tempo para lamentar, era preciso encontrar o substituto, o que rendeu uma longa novela internacional. Diversos nomes cogitados, reuniões, propostas e um mix de nacionalidades entre os candidatos com possibilidade de assumir o comando do time.

O eleito foi um argentino que fez sucesso no México e atendia pelo apelido de ‘Turco’. O cara passava uma energia meio louca que fazia a Massa se identificar. O coquetel de gringos contou com a saída do paraguaio Junior Alonso e a chegada do uruguaio Godín. A página “Alonso” é confusa demais para ser explicada em poucas linhas, algo como se sentar para definir o divórcio e acabar decidindo o nome dos filhos que ainda virão. Ele foi, mas voltou.

A movimentação do mercado incluiu as saídas de Diego Costa, Hyoran, Alan Franco e Nathan, o pescador. Ademir, Fábio Gomes e Otávio chegaram para reforçar ainda mais o elenco alvinegro. Turco aproveitou o estadual para alternar as escalações entre reservas e titulares. A indefinição do local onde aconteceria a partida fez a Supercopa ser disputada muito antes do apito inicial de Anderson Daronco. A cada amanhecer, o flamenguista deixava claro que 2021 ainda doía demais.

Dirigentes trocaram farpas e acusações através de postagens, entrevistas e notas oficiais. Quando a CBF comunicou que o duelo aconteceria na Arena Pantanal, o Flamengo já havia reservado passagens, hotel e o centro de treinamento do Cuiabá para treinar. A proximidade da data escolhida dificultou a realização de caravanas e a ida em maior número dos mineiros, seja pelas estradas ou aeroportos. Para o azar dos flamenguistas, os jogadores do Atlético tinham lugar garantido na Arena Pantanal.

Enquanto escrevia esse parágrafo, pesquisei por “coletivo de lideranças” no Google. Encontrei coletivos de animais e objetos, mas nada sobre a reunião de lideranças e esse fator foi fundamental para a confirmação de quem mandava no país. Hulk, Victor, Réver, Cristiano, o preparador físico, entre outros. Nomes que pedem a inclusão do coletivo de líderes no dicionário brasileiro. Quando somos jovens, os mais velhos culpam as companhias por hábitos do dia a dia.

No Galo, as companhias foram as maiores culpadas por viciarem todo o elenco em taças. Esses caras são apaixonados por troféus!

Apesar da temporada vitoriosa ter exorcizado fantasmas do passado, não existe confronto amistoso quando o Flamengo está do outro lado. Depois que a bola rolasse, era preciso provar dentro de campo que o Galo era, de fato, o dono do Brasil. Claro que a qualidade do adversário e a sede por roteiros épicos não permitiriam uma vitória com placar elástico. Até quando goleamos, em 2014, foi emocionante. Que loucura!

Os cariocas criaram boas chances, mas foi o argentino Nacho quem balançou as redes primeiro. Aos 18 da segunda etapa, o Flamengo já havia virado. Vargas e Ademir entraram, o Galo pressionou e Hulk empatou, aos 29 minutos. O último parágrafo do roteiro perfeito foi repleto de ironia. Quem sempre reclamou de pênaltis a favor do Galo, viu a camisa alvinegra colocar a bola na marca da cal doze vezes. Os atleticanos que sobreviveram à tarde daquele 20 de fevereiro se divertiram muito.

Nacho, Ademir, Arana, Vargas, Jair, Nathan Silva e Hulk, duas vezes, marcaram. Guga, Everson, Mariano e Godín desperdiçaram as cobranças. Everson defendeu os chutes de Arão e Matheuzinho, antes de ver Fabrício Bruno e o goleiro Hugo Souza chutarem para fora. Quando Godín errou, parte da torcida flamenguista soltou o grito de campeão na Arena Pantanal. Na última cobrança do Flamengo, Everson defendeu e confirmou o Clube Atlético Mineiro como o supercampeão do Brasil.

Nenhuma torcida no planeta merecia viver um ano tão mágico como a Massa do Galo. O povo que sempre testou os alicerces do Mineirão, mesmo no fundo do poço, merecia o topo do pódio. Vamos subir, Galo! Subimos no topo do pódio. Uma, duas, três, quatro vezes em trezentos e sessenta e cinco dias. Ídolos marcaram seus respectivos nomes para a eternidade, taças chegaram para abrilhantar o museu da nova Arena e histórias ficaram registradas no coração do atleticano.

O vento perdeu. O Galo ganhou!

- 1. DE MARROCOS A PERNAMBUCO**
- 2. A CHAVE VIROU**
- 3. O GALO CONTRATOU**
- 4. O HULK CHEGOU**
- 5. O PROFESSOR VOLTOU**
- 6. O GALO TROPEÇOU**
- 7. O EVERSON PEGOU**
- 8. A LIBERTADORES ESCAPOU**
- 9. O ÁRBITRO MARCOU**
- 10. O GALO CLASSIFICOU**
- 11. O GALO GANHOU**
- 12. A MASSA LOTOU**
- 13. A ANSIEDADE AUMENTOU**
- 14. A ESPERA ACABOU**
- 15. O CLUBE COMEMOROU**
- 16. O GALO COPOU**
- 17. O GALO CONFIRMOU**